

OS “MUNDOS” DO TRABALHO NOS ANÚNCIOS DE JORNAIS
OITOCENTISTA

Lucimar Felisberto dos Santos

Doutoranda em História

Universidade Federal da Bahia

Bolsista do Programa Internacional de Bolsas de Pós Graduação da Fundação Ford

A dinâmica social que aproximava experiências de diferentes sujeitos nos mais diversos contextos pode ser percebida nas relações concretas, destaco aqui as arroladas em torno do trabalho. No caso do Rio de Janeiro urbano nos anos finais dos Oitocentos, os diferentes sujeitos que participavam “dos mundos” do trabalho dividiam casas de cômodos, cortiços e *Zungus*. Compartilhavam um mercado de trabalho cuja principal característica era a mercantil e, os setores de serviços eram os que ofereciam maiores possibilidades de ocupações. O “ganho”, por exemplo, enquanto modalidade de trabalho, era executado pelos mais diversos trabalhadores urbanos, escravos, libertos e livres, e, criou possibilidades reais para muitos cativos negociarem meios de acumular pecúlio. Segundo argumenta Luiz Carlos Soares, os escravos ao ganho que atuavam nas cidades, recebendo remuneração salarial, podem ser vistos como uma “*brecha assalariada*” na economia escravista urbana.¹ Tal quais os ganhadores que ofereciam para alugar a sua força de trabalho, outros trabalhadores eram procurados e ofereciam-se diariamente nos anúncios de procura e aluguéis dos classificados dos jornais. Também eram solicitados domésticos e criados – escravos, libertos e livres – que poderiam exercer as mais variadas funções. De acordo com o regulamento para o serviço dos criados:

É considerado criado ou criada, para todos os efeitos desta postura quem quer que, sendo de condição livre ou escrava, tiver ou tomar, mediante salário, a ocupação de moço de hotel, casa de pasto e hospedaria, ou de cozinheiro, copeiro, cocheiro, hortelão, ou de ama de leite, ama seca, lacaio, e, em geral, o de qualquer serviço domestico.²

As pequenas oficinas manufatureiras vão, paulatinamente, compondo o cenário da produção carioca, caracterizado marcadamente pelo setor secundário, no decorrer do século XIX. Como demonstrou Marcelo Badaró Mattos, afora alguns poucos empreendimentos instalados no Rio de Janeiro, predominavam ali as pequenas oficinas

e, “mesmo a organização das grandes empresas ainda era de cunho manufatureiro”.³ É a partir de 1870 que, segundo Eulália Lobo, “se observa uma transição do sistema artesanal e manufatureiro para o industrial nos ramos de tecidos, de chapéus, de calçados, de móveis e metalúrgicos, sendo que o primeiro já se encontrava em 1881 em plena fase industrial”.⁴

Sobre a atuação de escravos nesta relação de oferta e procura por mão de obra, Mattos discorre a partir do empenho dos senhores na tarefa de treinar seus escravos valorizando assim seus investimentos em braços cativos e do próprio Estado imperial, que investia no treinamento dos “escravos da nação” que atuavam em estabelecimentos manufatureiros estatais. Argumento ser includente a ação consciente dos próprios cativos que, vivendo “sobre si” nos “labirintos” urbanos, percebiam a lógica do mercado e consagravam suas horas de folga para o aprendizado, ou podiam mesmo aprender na experiência cotidiana de trabalho como aprendiz ou observando o ofício dos trabalhadores mais qualificados. Por exemplo, diversos escravos ex. escravos, atuando dentro dos limites culturais de sua época, investiram na propriedade humana como meio de auferirem maiores lucros da conjuntura escravista. É o caso, por exemplo, do africano mina Macário que em 1879 aparece solicitando licenças, por si e por seu escravos, para ganhar nas ruas da Corte.⁵

Para além das motivações de senhores, escravos, Estado e até mesmo dos trabalhadores libertos e livres no sentido de formar quadros de mãos-de-obra para atender as demandas por qualificação para o ainda tosco mercado de trabalho no Rio de Janeiro dos Oitocentos, é possível observar nos anúncios dos classificados do *Jornal do Commercio* a preocupação dos empregadores com a formação destes quadros, ou seja, o próprio mercado buscava criar condições para capacitar novos braços de acordo com necessidade específicas. São comuns anúncios que trazem esta intencionalidade, como por exemplos:

Precisa-se aprendiz para uma officina de costura, podendo morar na mesma. Na rua São Christovão n. 93. B.⁶

Precisa-se de uma pequena para aprender a coser e alguns serviços leves de casa de pequena família, paga-se 10\$ e da-se roupa; carta neste escritório a DSLDM.⁷

Precisa-se de rapazes para aprender officio de fundidor, ganhando desde logo bom salário e aprendendo um bom officio, na rua do Espírito Santo n. 30.⁸

Pode-se também perceber a competição pelos indivíduos mais qualificados e os benefícios da qualificação.

Precisa-se aprendizes com pratica de fundição ganhando mais do que em qualquer fábrica por seu trabalho de empreitada; na rua do Espírito Santos n. 30.⁹

Os classificados do *Jornal do Commercio* permitem ainda se apreender algumas das orientações do crescimento industrial nacional, são oferecidos neste período os mais variáveis produtos de bens de consumo com boas possibilidades de terem sido produzidos por manufaturas nacionais. Aumenta a produção de fogos, charutos, sapatos, roupas, chapéus, doces, licores, cerveja, tijolos, chinelos, pães, etc. Esta industrialização incipiente deixa suas marcas nos anúncios do periódico. Observamos demandas por mão-de-obra no setor alimentício:

Precisa-se de homens para trabalhar em tachos de goiabadas, com pratica ou sem ela, e de mulheres para cortar goiaba, na rua do Livramento n.151.¹⁰

Precisa-se de um bom padeiro, pagando bem é escusado apresentar-se bem sem dar prova de sua habilitação, na rua da Assembléia n. 17.¹¹

Precisa-se de um fabricante de cerveja, na rua do Sacramento n. 26, informar.¹²

No vestuário:

Precisa-se de perfeitos officiais de calça, para trabalhar por mez ou por peça, bom tratamento, boa paga, na rua São José ns. 85 e 87.¹³

Precisa-se de bons officiais para fábrica de sapatos na rua Uruguaiana, n. 80 sobrado.¹⁴

Na metalurgia:

Precisa-se de um limador e bombeiro, um ajudante pratico para fundição de metais, paga-se bons ordenados, na rua da Saúde n. 158.¹⁵

Na construção civil:

Precisa-se de trabalhadores operários, carpinteiros, pedreiros e serventes, pagando-se bons ordenados, tratar-se com o Sr. Epplef Galinha, na Rua Haddock Lobo n. 24.¹⁶

E na mobiliária, entre outros:

Precisa-se de dois oficiais de marceneiros, não precisa ter ferramentas, na rua da Prainha n. 107.¹⁷

Nos anúncios de “precisa-se” das três últimas décadas do XIX, são procuradas pessoas que exerçam até mesmo funções mais especializadas, como por exemplo, ferreiro, mecânico, funileiro, torneiro, fundidor, lustrador, pedreiro, encanador, pintor, marceneiro, soldador, vidraceiro. Os letrados também compõem os mundos do trabalho

Precisa-se de um moço para escritório, que saiba corretamente portuguez e francez, exige-se que tenha muito boa letra quem estiver nesta condição dirija-se em carta fechada com as iniciais B E no escritório desta folha.¹⁸

A participação escrava nos mundos do trabalho do Rio de Janeiro

Esta expansão econômica carioca possibilitou aos escravos urbanos atuarem até mesmo em atividades industriais e semi-especializadas.¹⁸ É importante ressaltar que, apesar dos discursos sobre a incompatibilidade entre o trabalho escravo e a produção mecanizada, trabalhos como o de Rebecca J. Scott, que analisa o caso cubano, contribuíram na refutação desta hipótese. Argumenta Scott que a expressão original da crença na incapacidade dos escravos em lidar com a maquinaria complexa vinha impregnada de racismo.¹⁹ A autora parece detectar na experiência cubana as operações de clivagens produzidas pelas construções teóricas acerca das raças humanas que, de acordo com João Felipe Marques, teriam interferido nos sentidos das disputas por posições econômicas, e que tiveram apogeu em finais do século XIX.²⁰

A participação dos cativos na produção industrial no Rio de Janeiro é atestada por Luiz Carlos Soares, segundo o autor de “Os filhos de Cam na capital do império”, após a revogação do decreto que proibia instalações industriais no Brasil, um grupo de pessoas passou a adotar a prática de comprar “escravos para o fim especial de instruí-los n’alguma arte útil ou ofício, vendendo-os em seguida por preços elevados, ou alugando

¹ 19/01/1890

seus talentos e trabalho”.²¹ Detecta trabalhadores escravos nos mais variados empreendimentos industriais, sobretudo entre as décadas de 40 e 60, no entanto, argumenta que ocorre uma “transmutação” no perfil dos trabalhadores e, nos anos que antecederam a abolição o número de cativos ocupando cargos nos setores industriais reduz sensivelmente. Esta “transmutação” reflete o aumento do número de libertos em decorrência das políticas de alforria e do volume de entrada de imigrantes e brasileiros empobrecidos no mercado de trabalho, que segundo meus argumentos, teria contribuído não só para o preterimento da mão-de-obra escrava nos centros urbanos, mas também para acirrar as disputas entre as classes trabalhadoras.²²

Em meio a estas tensões surge a figura do proletário, após longo tempo de convivência entre trabalhadores escravos e livres. Para Eisenberg os dois regimes de trabalho, juntos, produziram esta categoria.²³ Ou seja, as transformações inexoráveis das relações sociais escravistas teriam sim contribuído no processo de transição para o regime de trabalho livre e nas novas relações capitalistas de produção.²⁴

Eulália M. L. Lobo também contribui nesta análise, seus estudos relativos à Capital do Império indicam que no período de 1840 a 1888, em decorrência de uma expansão econômica, ocorreu um crescimento nas atividades comerciais que concorreu nas mudanças das estruturas sociais expandindo as oportunidades de trabalho.²⁵ Apontando a contramão do sugerido por Eisenberg, Eulália comenta que a utilização da força de trabalho livre e assalariada, na economia urbana escravista do Rio de Janeiro, teria contribuído na monetarização da mão-de-obra escrava. A análise revela a complexidade e o entroncamento entre as modalidades de trabalho livre e escrava, uma vez que eram os valores cobrados como aluguel dos escravos que serviriam de patamar para a fixação dos valores dos jornais dos trabalhadores livres.

Como comentado, participar na economia urbana possibilitava acesso às oportunidades reais de adquirir um pecúlio para a alforria.²⁶ Identificar estas agências entre as possibilidades da população cativa urbana não sinaliza relações sociais menos desiguais ou não hierárquicas. Uma vez libertos, crioulos e africanos tinham que conviver com as heranças sociais trazidas do cativo, eram vistos como incapazes de dirigir suas vidas e sucessivos alvos da “suspeição generalizada” da polícia da Corte.²⁸ Teriam que lidar com um “cotidiano de marginalização”, junto aos vários artifícios

criados para determinar o lugar do "homem de cor" na sociedade carioca: eram livres, mas "sem direitos políticos e de cidadania numa sociedade escravista".²⁹ Os limites de suas cidadanias eram frágeis, segundo demonstrou Maria Inês Côrtes de Oliveira.³⁰ Para além da fragilidade da cidadania, nesta conjuntura novos marcadores sociais das diferenças responsáveis pelas trajetórias de acesso social são construídos a partir de fundamentos culturais informados na idéia de raça e dos papéis atribuídos ao gênero. Daí Verena Stolcke, chamar-nos atenção para a necessidade de se pensar os papéis sociais levando em conta estas categorias analíticas.³¹

Este esforço de pensar os papéis sociais dos diversos sujeitos que contribuíram na conformação do perfil da nova classe de trabalhadores no Rio de Janeiro, dá-se no âmbito de uma abordagem interpretativa que visa não só recuperar a história de um movimento operário que se formou na etapa anterior à clássica, mas, destacadamente lançar luz sobre o caráter heterogêneo dos trabalhadores e sobre as interseccionalidades que permeavam as relações sociais em termos de classe, gênero e raça. Em uma sociedade cuja relação de dominação baseava-se na experiência da escravidão a forma que se reestruturavam as relações sociais, as lógicas de inclusão e exclusão no mercado de trabalho assalariado e, por conseguinte, as hierarquias reproduzidas têm critérios de desigualdade e de diferenciação muito específicos, sobretudo se estas relações são permeadas por um pensamento racial que demarca as distinções sociais tendo por base o fenótipo físico.³²

A oferta de trabalho e os critérios de escolha do trabalhador

Algumas das mutações dos valores, práticas e julgamentos que davam formas as novas relações sociais de trabalho podem ser percebidos a partir da análise da mudança de critério de escolha, do tipo de ofertas de ocupação e do perfil exigido dos trabalhadores nos anúncios de jornais. Retratando características do mercado de trabalho urbano do Rio de Janeiro, como venho tentado chamar atenção, as vagas oferecidas pelos anúncios dos classificados poderiam interessar a um complexo e diversificado corpo de trabalhadores. Diversos em cor, condição social, *status* sociais, nacionalidade e naturalidade.

Apesar da heterogeneidade do mercado de trabalho carioca, a condição do trabalhador, sua nacionalidade e mesmo a sua cor eram critérios definidores no momento da seleção para ocupar uma vaga. Os critérios vão mudando no tempo. Até os anos de 1880 o indivíduo não branco e escravizado não era necessariamente preterido nas disputas por uma vaga de trabalho, o que se observa das intenções dos empregadores era o desejo de suprir suas necessidades de mão-de-obra com indivíduos dóceis e subservientes: é a proficiência a maior exigência. Predominam os anúncios a procura por pessoas “desembarcadas e perfeitas nos afazeres”; de “bons costumes e boa educação”; “que tenham bom comportamento”; “perfeito nos afazeres” e; que tenha alguém “que abone a sua conduta”. Satisfazendo estas exigências, pouca atenção é dada à cor, à condição ou mesmo à habilidade manual.

A preocupação com a manutenção das hierarquias sociais e a imprevisibilidade da reorganização das relações de domínio com o previsível fim da escravidão, bem os efeitos da disseminação dos ideais raciais, podem ser algumas das possibilidades de se explicar o processo de embranquecimento do trabalhador brasileiro ainda no contexto escravista. A partir da década de 1880, começamos a observar a recorrência de anúncios à procura por trabalhadores livre e de cor branca, não que predominem, mas são recorrentes os com as características abaixo:

Precisa-se de uma cozinheira branca para uma pequena família estrangeira. Tratar-se na Praia do Russell n.12.³³

Precisa-se de uma senhora de meia idade ou de casal sem filhos (brancos) para tomar conta de uma casa; tratar-se na rua Costas Bastos, n.4.³⁴

Precisa-se no Collegio Universitário, de um bom cozinheiro branco, dormindo em casa para o que tem como próprio em separado; na rua do Barão de Itabegipe n. 55, lugar onde nunca houve epidemia alguma, dará fiador à sua conduta.³⁵

Precisa-se de uma senhora branca nacional para serviços leves em casa de família na rua S. José n. 55.³⁶

Precisa-se empregar um rapaz de pharmacia de cor branca, já tendo sido empregado.³⁷

A nacionalidade passa a integrar, definitivamente, os critérios de seleção no mesmo período, com destaque para os anúncios à procura por "criadas brancas, nacionais ou estrangeiras". Parece que o refinamento dos costumes é acompanhado pelo

embranquecimento da criadagem, pelo menos daquela de “porta a fora” ou a que freqüente a ala nobre da residência, como sugere o anúncio abaixo:

Precisa-se, na rua do Cattete, n. 251, de uma criada branca, preferindo-se estrangeira, mas que fale o português, que saiba tratar perfeitamente de uma criança, sahir com ela à rua, também cortar e cozer e mais algumas cousa que trata-se, mediante a um bom ordenado; na mesma casa precisa-se de um bom copeiro até 20 anos, livre ou escravo.³⁸

Precisa-se de uma pessoa branca que saiba coser e pentear crianças, e dous criados francezes, de 16 a 20 annos, na rua do Ouvidor n. 39, sobrado.³⁹

Um mecanismo de controle já muito utilizado aparece com mais freqüência entre os requisitos de seleção da mão-de-obra: a fiança. Aumenta o número de anúncios que exige fiança da conduta. Vestígios que indicam a adoção de novos paradigmas que regulamentarão as relações sociais de trabalho livre do Pós-abolição também podem ser observados nas novas designações adotadas pelos anunciantes no ano de 1890. Por exemplo, o termo "criado",⁴⁰ que de acordo com Olívia Maria Gomes da Cunha encobria as mais diversas modalidades e relações de trabalho,⁴¹ começa a intercalar-se com outros tais como "moço", "empregado", "homem", "trabalhador". Nos anúncios à procura de "pequenos", "negrinhos" e "moleques", estes termos começam a ser substituídos por "mocinhos", "meninos" e "copeirinhos". Esta nova linguagem sinaliza novas práticas culturais, sua leitura permite interpretar os novos significados atribuída à idéia de trabalho e trabalhador. Ou seja, novas teias de significados, que permitem perceber alguns dos sentidos da reorientação das novas relações de mercado são produzidas.⁴² Era necessário criar novos códigos capazes de afastar a relação de trabalho da experiência da escravidão. Os sistemas de símbolos utilizado não davam mais conta das novas relações de trabalho, pelo menos no mundo urbano. Já se comunicavam na virada do século em termos de se oferecer bons pagamentos, bons tratamento estabilidade na oferta do trabalho e da mão-de-obra e mesmo em termos de uma diciplinarização do trabalhador através do controle de sua produção, deslocamentos possíveis de se desprender a partir da análise de micros anúncios como o abaixo:

Precisa-se de perfeitos officiais de calça, para trabalhar por mez ou por peça, bom tratamento, boa paga, na rua São José ns. 85 e 87.⁴³

¹ O autor parafraseia Ciro F. S. Cardoso, quando este cria a categoria "brecha camponesa" para dar conta de explicar a existência de uma economia escrava, autônoma e rendosa, no mundo rural. SOARES, Luiz Carlos. *Os escravos de ganho no Rio de Janeiro século XIX*. In: Revista Brasileira de História n. ° 16. – Especial 100 anos de abolição. 1988.

² Lei n. 1039 de 8 de junho de 1883. Legislação. Decretos, leis e resoluções. Caixa 04. Centro de Memória da Assembléia Legislativa de Santa Catarina.

³ MATTOS, Marcelo Badaró. Trabalhadores escravizados e livres na cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Revista Rio de Janeiro, n. 12, Jan-Abr – 2004.

⁴ LOBO, M. Lahmeyer Eulália. *História do Rio de Janeiro. Do capital comercial ao capital industrial e financeiro*. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978; p.205.

⁵ AGCRJ – Registro de Ganhadores livres – 44 / 1 / 28.

⁶ 19/01/1890

⁷ 05/01/1990.

⁸ 06/01/1995.

⁹ Idem.

¹⁰ 18/01/1885

¹¹ 16/01/1895

¹² 12/01/1890

¹³ 19/01/1890

¹⁴ 18/01/1885

¹⁵ 06/01/1895

¹⁶ 07/01/1900

¹⁷ 19/01/1890

¹⁸ Conforme dados dos censos realizados no período. Sobre a conformação do mercado de trabalho no Rio de Janeiro ver: VITORINO Artur José Renda, *Cercamento à brasileira: conformação do mercado de trabalho livre na Corte das décadas de 1850 a 1880*. (tese de doutorado, Unicamp, 2002); p. 20-35.

¹⁹ SCOTT, Rebeca J. *Emancipação Escrava em Cuba. A transição para o trabalho livre. 1860-1899*. Paz e Terra. Editora Unicamp. 1991, p.42. Ainda sobre a presença de trabalhadores escravos em indústria em outras sociedades escravistas ver: DAVIS, Brion. *Slavery and human progress*. Nova York. Oxford University. 1984 e STAROBIN, Roberts. *Industrial Slavery in the old south*. Nova York, Oxford University Press. DAVIS, 1984.

²⁰ MARQUES, João Filipe. *O estilhaçar do espelho. Da raça enquanto princípio de compreensão do social a uma compreensão sociológica do racismo*. Ethnologia, 3-4, maio/outubro 1995, pp. 39-57.

²¹ SOARES, Luiz Carlos. *O Povo de Cam na capital do Brasil. A escravidão urbana no Rio de Janeiro do século XIX*. Rio de Janeiro: FAPERJ - Editora 7 Letras, 2007, p. 150.

²² SANTOS, Lucimar Felisberto. *Cor, Identidade e Mobilidade Social: africanos e crioulos no Rio de Janeiro. 1870 – 1890*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro. 2006

²³ EISENBERG, Peter. *Escravo e Proletário na História do Brasil*. São Paulo. Estudos Econômicos. Jan. / Abr. 1983, p 55 – 69.

²⁴ Sobre o proletariado brasileiro ver: CARONE, Edgar. *Movimento Operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo; Difel Edgar. *Movimento Operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo; Difel, 1979; KOVAL, Boris. *História do proletariado brasileiro 1877 - 1967*. São Paulo; Alfa - Omega. 1982; LOBO, M. Lahmeyer Eulália e STOTZ, Navarro Stotz. *Formação do operariado e o movimento operário no Rio de Janeiro, 1870 – 1894*. Estudos Econômicos. Nº. 15 número especial, pp.47 – 87, 1985.

²⁵ LOBO, M. Lahmeyer Eulália. *História do Rio de Janeiro. Do capital comercial ao capital industrial e financeiro*. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978; PRADO JR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo. Brasiliense. 1984. 30º Ed.

²⁶ Sobre alforria ver: FLORENTINO, Manolo. *Alforrias e etnicidade no Rio de Janeiro oitocentista: notas de pesquisa*. Topoi. Vol. 5 (2002) 9-40; GRINBERG, Keila. *Alforria, direito e direito no Brasil e nos Estados Unidos*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, nº. 28/2001 e; FARIAS, Juliana, *Descobrendo mapas dos minas: alforrias, trabalho urbano e identidades, 1800-1915*. In. GOMES, Flávio dos Santos e;

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *No labirinto das nações: africanos e identidade no rio de Janeiro; Rio de Janeiro*; Arquivo Nacional, 2005.

²⁷ A trajetória dos libertos e sua luta para a superação das heranças do cativo é outro tema que instiga os historiadores. Entre trabalhos que abordaram este tema podemos destacar: XAVIER, Regina Célia Lima. *A conquista da liberdade de libertos em Campinas na Segunda metade do século XIX*. Campinas: Centro de Memória – Unicamp, 1996; OLIVEIRA, Maria Inês Côrtes de. *O liberto: o seu mundo e os outros*. São Paulo: Corrupio, 1988; ALANIS, Anna Giselle García. *Ingênuos e libertos. Estudos sobre família em época de transição 1871 – 1885*. Campinas: Área de Publicação GMU/UNICAMP, 1997.

²⁸ Sobre a política de controle no século XIX, ver: HOLLOWAY, Thomas H. *Polícia no Rio de Janeiro. Repressão e resistência numa cidade do século XIX*. Rio de Janeiro; Editora FGV, 1999.

²⁹ CUNHA, Olívia Maria Gomes e GOMES, Flávio dos Santos, (Orgs.) *Quase-cidadãos: história e antropologia da pós-emancipação no Brasil*; Editora FGV, 2007. CUNHA e GOMES, 2007; Introdução; p.9.

³⁰ OLIVEIRA. *O liberto: o seu mundo e os outros*, *Op. Cit.*, p. 21.

³¹ STOLCKE, Verena. *Sexo está para gênero assim como raça está para etnicidade?* em *Estudos Afro-Asiáticos*, 20, jun. 1991, pp.101-117

³² MARQUES, João Filipe. *O estilhaçar do espelho ...*, *Op. Cit.*, p.50-53.

³³ 25/01/1885

³⁴ 12/01/1890

³⁵ 12/01/1890

³⁶ 07/01/1900

³⁷ 07/01/1099

³⁸ 23/01/1870

³⁹ 25/01/1885

⁴⁰ É importante destacar que termos como "serviçais" e "criados" podiam encobrir atividades diversas, como por exemplo: cocheiros, ferreiros, costureiras, carregadores de água e atendentes de estalagens.

⁴¹ CUNHA, Olívia Maria Gomes. *Criadas para servir: domesticidade, intimidade e retribuição*. In: CUNHA e GOMES. *Quase Cidadãos ... Op. Cit.*, pp. 79-80.

⁴² GEERTZ, Clifford, *uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura*. In. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

⁴³ 19/01/1890.

Referências Bibliográficas:

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo de dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras. 2009.

BATALHA, Cláudio de Moraes. *Sociedade de Trabalhadores no Rio de Janeiro no século XIX – Algumas reflexões em torno da formação da classe operária*, Cadernos do AEL, n. 10-11 Campinas – Unicamp. 1999, pp. 43-66.

BATALHA, Cláudio; SILVA, Fernando Teixeira da e Fortes, Alexandre (orgs.). *Cultura de Classes – Identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora Unicamp, 2004.

BOUCINHAS, André Dutra. *Consumo e comportamento no Rio de Janeiro na Segunda Metade do século XIX*. Dissertação UFF/2005.

CARDOSO, Ciro F. S. "A brecha camponesa no sistema escravista". In: Agricultura, capitalismo e escravidão. Petrópolis. Editora Vozes: 1979.

CHALHOUB, Sidney. *Medo branco de almas negras: escravos, libertos e republicanos na cidade do Rio de Janeiro*. Revista brasileira de História. São Paulo, v.8, nº. 16, mar./ago.; p. 83-105. 1988.

_____. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

_____. *Febre amarela e ideologia racial no Rio de Janeiro do século XIX*. Estudos Afro-Asiáticos. 27:87. 1995.

_____. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *A enxada e o guarda-chuva: a luta pela libertação dos escravos e a formação da classe trabalhadora no Brasil*. (manuscrito). Palestra apresentada no XXI Simpósio da Anpuh. Niterói, jul.2001.

CUNHA, Olívia Maria Gomes e GOMES, Flávio dos Santos, (Orgs.) *Quase-cidadãos: história e antropologia da pós-emancipação no Brasil*; Editora FGV, 2007.

EISENBERG, Peter. *O escravo e Proletário na História do Brasil*. São Paulo. Estudos Econômicos. Jan. / Abr. 1983. p 55 – 69.

FARIAS, Juliana, SOARES, Carlos Eugênio Líbano, GOMES, Flávio dos Santos. “A nação da mercancia: condição feminina e as africanas da Costa da Mina, 1835-1900”, em *No labirinto das Nações*. RJ: Arquivo Nacional, 2005, capítulo 5, pp. 209-263.

GEBARA, Ademir. *O mercado de trabalho livre no Brasil (1871-1888)*. São Paulo: Brasiliense. 1986.

GEERTZ, Clifford, "Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura" em *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GÓES, Maria da Conceição Pinto de. *A formação da classe trabalhadora: Movimento anarquista no Rio de Janeiro, 1888- 1911*. Rio de Janeiro: Zahar e Fundação José Bonifácio, 1988.

GOMES, Flávio & NEGRO, Antonio Luigi. *Além de senzalas e fábricas. Uma história social do trabalho*, *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 1, 2006, pp. 217-240.

GRAHAM Sandra L. *Proteção e obediência: cria& e seus patrões no Rio de Janeiro, 186G1910*. Tradução de Viviana Bosi. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

LOBO. M. Lahmeyer Eulália. *História do Rio de Janeiro. Do capital comercial ao capital industrial e financeiro*. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978.

LOBO, M. Lahmeyer Eulália e STOTZ, Navarro Stotz. *Formação do operariado e o movimento operário no Rio de Janeiro, 1870 – 1894*. Estudos Econômicos. Nº. 15 número especial. Pág.47 – 87. 1985.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores escravos e livres no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX*. Comunicação da I Jornada Nacional da História do Trabalho. 2005.

_____. *Escravidãos e livres experiências comuns na formação da classe operária trabalhadora carioca*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008.

PEREIRA, Cristiana, *Que tenhas teu corpo. Uma história Social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas*. RJ: Arquivo Nacional, 2006.

PRADO JR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo. Brasiliense. 30. Ed. 1977.

SANTOS, Lucimar Felisberto dos. *Cor, Identidade e Mobilidade Social: africanos e libertos no Rio de Janeiro. 1870 – 1888*. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro; 2006.

SCHETTINI, Cristiana. *Que tenhas teu corpo. Uma história social da prostituição no Rio de Janeiro das primeiras décadas republicanas*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

SOARES, Luiz Carlos. *Os escravos de ganho no Rio de Janeiro século XIX*. In: *Revista Brasileira de História* n.º 16. – Especial 100 anos de abolição. 1988.

_____. *O Povo de Cam na capital do Brasil. A escravidão urbana no Rio de Janeiro do século XIX*. Rio de Janeiro: FAPERJ - Editora 7 Letras, 2007.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife, SOS Corpo, 1990.

SILVEIRA, Renato da. Os selvagens e a massa: papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental. *Afro - Ásia*, 23, 2000; pp. 89-145.

STOLCKE, Verena. “Sexo está para gênero assim como raça está para etnicidade?” em *Estudos Afro-Asiáticos*, 20, jun. 1991, pp.101-117.

VITORINO, Artur José Renda. *Cercamento à brasileira: conformação do mercado de trabalho livre na corte das décadas de 1850 a 1880*. 2002; Dissertação de mestrado; Unicamp. XIX. Campinas: Centro de Memória – Unicamp. 1996.